utilizada pelos educadores, como a de atingir o sucesso através da avaliação do fracasso e do reconhecimento e enfrentamento das falhas.

Capítulo X - Advertências ao Terapeuta

Neste capítulo o fator mais importante é o despojamento do orgulho de ser "doutor", um "terapeuta" e na realidade, abrir-se para a aceitação e o reconhecimento de que aprendemos de fato com os nossos pacientes, os nossos orientadores e os nossos alunos.

Capítulo XI - O Futuro da Terapia Winnicottiana

O autor, neste capítulo final de sua obra, explica a tendência dos trabalhos de Winnicott no campo das relações objetais na direção da "linha de desenvolvimento dos aspectos objetos-relacionais da capacidade de se formar a ilusão, de brincar e de simbolizar, inclusive o espaço simbólico".

Em conclusão, podemos compreender, através de Simon Grolnick, a singularidade da obra e da técnica do processo psicanalítico desenvolvido por Winnicott, possível somente, levando-se em consideração a sua extrema dedicação, não só a seus pacientes, quanto aos profissionais de diversas áreas, como psicanálise, o serviço social, e a educação.

Podemos dizer que Simon Grolnick captou a "performance" de Winnicott, tão bem, talvez, até com Júlio de Melo Filho e também seu discípulo e amigo Masud Khan.

Vera Maria Luz de Souza Nunes

BUARQUE, Cristovam. A aventura da universidade. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 239 p.

Cristovam Buarque apresenta de forma simples e clara a situação da universidade. "Propõe uma universidade tridimensional: crítica, comprometida com as ciências, artes e filosofia; e comprometida com os problemas da civilização e das populações deserdadas do país onde se situa".

No primeiro capítulo, começa criticando a universidade no parecer dado pelo astrônomo Abrão Zacuto, coordenador da comissão encarregada pelos reis Fernando e Isabel da Espanha sobre o Projeto de Cristóvão Colombo. A partir do relato do parecer da comissão de Salamanca nos procura demonstrar que após quinhentos anos a universidade volta a "viver a síndrome de Salamanca; o pavor do erro, o medo da aventura, e o apego a seus próprios dogmas".

Demonstra que o final do século XX está provocando doze sustos na imaginação dos homens, que os levarão a um despertar. O autor é capaz de combinar a capacidade crítica à capacidade sonhadora.

No segundo capítulo fala sobre "a universidade prisioneira" demonstrando que as reformas universitárias sempre partiram de estímulos externos; no terceiro capítulo "A Educação da Universidade Brasileira" divide a comunidade universitária brasileira entre conservadores tradicionais e conservadores revolucionários; no quarto artigo "A Universidade para a Crise" demonstra que a universidade brasileira foi concebida segundo modelos dos países desenvolvidos; no quinto capítulo "a universidade tridimensional" procura demonstrar que a universidade é talvez a única "instituição com vocação para exercer todos os gestos de realização da aventura humana"; gesto técnico, gesto epistemológico, gesto poético. No sexto capítulo "a invenção da universidade" afirma: "as universidades podem ser fundadas por príncipes, cardeais, presidentes, alunos e professores, mas elas só podem ser inventadas ao longo do tempo pela própria comunidade acadêmica, em sua

convivência com o mundo inteiro e com a sociedade onde se situa".

Nestes seis capítulos, Cristóvam Buarque procura criticar com a competência teórica de administrador, capaz de ver e rever, pensar e repensar a universidade para, então, passar da realidade ao sonho e da capacidade de sonhar transformar a fantasia em realidade por intermédio de propostas inovadoras.

Analisa as funções tradicionais da Universidade - ensino, pesquisa e extensão - e acrescenta a estas novas funções - democracia e prática cultural. Trata a democracia como sinônimo de prática política e faz da prática cultural a razão de ser da Universidade passando da crítica às sugestões prevendo um novo futuro para a Universidade Brasileira, uma vez que o Brasil vive à véspera de um novo futuro, com novas exigências para cada espaço, cada instituição social, procurando ler e entender o mundo, formulando novas propostas que contribuam na construção desse novo futuro.

No último capítulo "dicionário da crise universitária" demonstra que nos últimos anos foram formulados novos conceitos no interior da universidade. Ao enumerar as principais palavras utilizadas hoje no vocabulário dos usuários da Universidade o autor procura dar um significado real, vivido na trama sócio-política da universidade brasileira.

A leitura agradável nos leva a refletir criticamente e a repensar o papel de uma nova universidade. É um livro destinado ao público em geral desde que interessado na problemática nacional de educação e ao público especializado pois retrata a universidade em seu amplo espectro dentro do contexto da sociedade brasileira.

Lia Rodrigues Gonçalves